

reportagem cultural



Vicente Ráo uniu futebol e música junto às categorias de base do Inter

Futebol, carnaval, filantropia

Marcello Campos, especial para o JC *

Bom de bola e fanático pelo Internacional, o jovem e ainda magro Vicente Ráo ingressou em 1926 no 2º quadro (espécie de equipe B) do Colorado. O centro-médio estufou a rede em sua única partida entre os titulares (4 a 1 no São José, pelo Campeonato Citadino), mas a falta de novas chances o fez deixar a Chácara dos Eucaliptos no final do ano seguinte, rumo ao Athletico Bancário Club (ABC), recém-criado com a participação de dirigentes do mesmo Banco Nacional do Comércio onde Ráo batia ponto desde 1924. Vestindo a nova camisa em quatro temporadas, ergueu a taça da segundona municipal e chegou a jogar contra o próprio Inter em ao menos sete duelos.

O encerramento precoce das atividades do ABC reconduziu Ráo à equipe alternativa de seu clube do coração, entre 1932 e 1934, até que problemas de con-

dicionamento físico apitassem o final de carreira, aos 26 anos. Mas o vínculo se manteve. De forma não remunerada, pôs a serviço da instituição uma imensa capacidade motivacional, visão esportiva e conexões pessoais com a cultura popular, tornando-se elemento-chave tanto nos bastidores quanto nos campos e arquibancadas. O intitulado “Jogador Nº 12” do Estádio dos Eucaliptos (casa colorada desde 1931) deflagrou ações pioneiras e decisivas na expansão esportiva e social do Inter.

Partiu dele a criação, em 1940, do Departamento de Cooperação e Propaganda (DCP), nome pomposo à primeira torcida organizada do Sul do País. Também montou e esteve à frente das categorias de base (‘Celeiro de Ases’) em 1947-1955, incluindo mais de 100 guris da escolinha (‘Escola Rubra’), voltada à revelação de talentos. “Ráo condicionava a permanência dos garotos a boas notas no colégio,

além de ser uma referência de boa conduta, jamais ofendendo os adversários, por exemplo”, testemunharia o ex-atacante argentino José Villalba (1919-1987) em entrevista ao jornal Zero Hora, décadas mais tarde.

Esse protagonismo é analisado pela colorada Alana da Rosa, acadêmica do 9º semestre da Faculdade de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e cujo interesse pelo tema deve pautar seu trabalho de conclusão do curso: “Com o DCP, Vicente Ráo levou a festa carnavalesca para o estádio, fazendo da arquibancada um espetáculo com muitas bandeiras, faixas, charanga, marchinhas, papel picado, serpentina e até cortejos pela cidade logo após as vitórias em campo”. Dados do Museu do Inter apontam, aliás, o ingresso de 5.300 menores no quadro social do clube durante os oito anos de escolinha sob a batuta de Ráo. Antes, eram 88.

De ‘Folião Nº1’ a majestade carnavalesca

Clubismos à parte, o espírito criativo e brincalhão de Vicente Ráo já arrancava risadas até do mais ferrenho gremista, como fanfarrão-mor do Carnaval desde 1927. Sua caracterização de neném, com chupeta, mamadeira e declarações irreverentes, era vista a todo momento nas ruas, salões e veículos de imprensa, motivando os jornais tratá-lo como “Folião Nº 1 da Cidade”, representante informal do público festeiro e responsável por blocos como União dos Cinco, Miséria & Fome, Banda Philarmônica do Faxinal (com panela, urinol e outros objetos cotidianos servindo de instrumentos musicais) e Tira o Dedo do Pudim, cujos 30 integrantes se reuniam no porão de uma casa da rua Lima e Silva, proibidos de tomar qualquer birinaite.

Tamanha identificação e visibilidade fizeram dele uma escolha quase óbvia para um novo capítulo no currículo, faltando menos de um mês para o evento de 1949: assumir provisoriamente o trono do amigo e motorista de ambulância ‘El Paco’, que abdicara após dez anos como rei momo oficial de Porto Alegre, aos 153 quilos. O substituto segurou as pontas enquanto uma comissão municipal elegia para o cargo o radialista Júlio Rosemberg. Este último reinaria durante apenas dois folguedos. Adoentado semanas antes da edição de 1951, repetiu o antecessor e transmitiu a coroa ao ‘Folião Nº 1’,



“Carnaval para mim é algo muito sério”, costumava dizer o soberano da folia

dessa vez em definitivo.

A aceitação popular não poderia ser maior. Rito tradicional da época, uma enorme recepção foi preparada no portão central do cais para que Ráo e sua corte descessem de barco, na noite de sábado, 3 de fevereiro. Dali seguiram em carro aberto, sob escolta de blocos, cordões e clubes, por avenidas como Borges de Medeiros e Getúlio Vargas. Em um coreto na Rua da Praia, outro na esquina da Rua da República com João Alfredo, discursou como ‘Sua Majestade, o Rei Momo Primeiro e Único’, ovacionado por súditos de diferentes camadas sociais, antes do périplo por bailes e eventos em toda a cidade, com bis no domingo.

Nos 22 anos seguintes, o soberano da animação se consolidaria como um dos maiores personagens da capital gaúcha. Não exatamente por causa da silhueta em contraste aos tempos de atleta, mas pela dedicação incondicional à alegria e pelo esforço a favor de agendas solidárias. “Muita gente pensa que o Carnaval é só brincadeira, mas para mim é algo muito sério”, costumava dizer. O especialista Joaquim Lucena Filho realça: “Ráo foi muito importante pela questão inclusiva. Sempre fez questão de dar destaque à população negra nos festejos. Como era banco e tinha grande penetração em todas as camadas sociais, ajudou muito nessa aceitação e visibilidade”.

Papai Noel voador

O quarentão Vicente Ráo já andava meio rechonchudo no início da década de 1950 (embora ainda não fosse rei momo), quando um jornalista sugeriu à prefeitura o perfil físico e comportamental do notório folião para encarnar o Papai Noel “oficial” de Porto Alegre. Com especial carinho pelos pequenos e engajamento constante em campanhas beneficentes, o notório folião abraçou a causa. Foram quase dez Natais vestindo a tradicional fantasia vermelha e branca, tendo às costas um saco rubro malandramente acrescido do emblema do Inter, em eventos com milhares de crianças, além de visitas a hospitais e outros endereços

- Rio Grande e Santa Maria estiveram no itinerário.

Certa feita, inovou ao chegar de helicóptero ao Parque da Redenção. A imagem da gurizada em delírio o emocionou de tal forma que pediu ao piloto mais alguns minutos de sobrevoo, para evitar o desembarque de um Noel tomado de lágrimas. “Se porventura eu morresse ali, com aquelas roupas nas cores do Colorado, teria sido meu dia mais feliz”, lembraria à Revista do Globo em 1959. “Boas ações são a única coisa que se deixa no mundo. Eduquei meu espírito para que cada acontecimento seja um tanque onde me encharco de otimismo.”



Como Papai Noel, Ráo chegou a descer de helicóptero na Redenção